

CARTAS PEDAGÓGICAS COMO POSSIBILIDADE PARA SENTIR-PENSAR O PAPEL FORMADOR DA PRECEPTORA NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA (PRP/CAFS/UFPI)

CARREIRO, Marlon Araújo¹

NASCIMENTO, Camila Gabrielly Silva do²

FARIAS, Maria do Sacramento Vieira Farias³

SOUSA, Vicelma Maria de Paula Barbosa⁴

RESUMO: Este artigo emerge de uma experiência formativa: escrita de cartas pedagógicas pelas/os residentes para suas preceptoras, bem como das preceptoras para suas/seus residentes. E tem como objetivo analisar recortes de duas cartas pedagógicas escritas para as preceptoras do Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) do Campus Amílcar Ferreira Sobral (CAFS) localizado no município de Floriano/PI. A abordagem deste estudo é qualitativa, tratando-se ainda de uma pesquisa documental. Assim, observamos a carta pedagógica como uma ferramenta potente que colabora para a fomentação de diálogo crítico e instigador, como terminante na construção conjunta do conhecimento, perpassando por momentos de discernimento crítico, de trocas e de resolutividades. A análise dos recortes das cartas aponta para a preceptora como uma profissional que intercambiando e mediando experiências no processo de imersão, retroalimenta formativamente o processo da do-discência, como diz Paulo Freire. Fortalecendo desse modo, a formação preceptora-residente. A discussão realizada a partir do estudo também nos convoca à escuta das nossas preceptoras, com o intuito de saber quais os seus sentires e dizeres acerca da sua contribuição para o processo formativo de futuros docentes. O estudo ainda apontou para a necessidade de se formar profissionais éticos e humanos que estejam comprometidos com o ato de educar e de acolher as/os demais profissionais dentro do âmbito escolar público com seu cotidiano dinâmico, considerando as trocas formativas e aprendizagens baseadas no cuidado e no afeto.

PALAVRAS-CHAVE: Preceptora e Residente; Formação Docente; Residência Pedagógica; Carta.

1 INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do Programa Residência Pedagógica (PRP), Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), e-mail: malloycarreiro@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia, Bolsista do Programa Residência Pedagógica (PRP), Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), e-mail: camilagabrielly1002@gmail.com.

³ Professora da Educação Básica da rede municipal de Floriano (Secretaria Municipal de Educação), preceptora do Programa Residência Pedagógica (PRP), Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), e-mail: sacra1@yahoo.com.br.

⁴ Professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia, docente-orientadora do Programa Residência Pedagógica (PRP), Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), e-mail: vicelma@ufpi.edu.br.

*Uma carta uma brasa através
por dentro do texto
nuvem cheia de minha chuva
cruza o deserto por mim
a montanha caminha
o mar entre os dois
uma sílaba um soluço
um sim um não um ai
sinais dizendo nós
quando não estamos mais.
(Paulo Leminski, 1985)*

Este artigo emerge de uma das experiências formativas: escrita de cartas pedagógicas pelas/os residentes para suas preceptoras, bem como das preceptoras para suas/seus residentes, oportunizada pelo Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS), do Curso de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da docente Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa. Tendo como objetivo visibilizar por meio das cartas os sentires-pensares-fazerem do processo de autoformação e formação na imersão daquelas/es praticantes nas escolas-campo.

O ato-gesto de escrever uma carta diz de um processo criativo “entre dois” ou mais sujeitos. Como poeticamente afirma Leminski (1985) a carta é “o mar entre os dois”, é ainda uma “brasa” “por dentro do texto”. Este estudo parte de pontos específicos para pensar: a carta como objeto de estudo, sua singularidade, seus usos crítico-reflexivo no processo formativo de imersão; como uso de expansão cognitivo-afetivo em espaços de autoformação e formação.

Desse modo, reiteramos que o Programa Residência Pedagógica (PRP) como uma peça relevante da Política Nacional de Formação de Professoras/es da Educação Básica possui papel fundamental na formação dos futuros profissionais da área da educação, tornando-se assim uma política educacional indispensável para os cursos de licenciatura, além do mais, fomenta a colaboração entre universidades e escolas públicas municipais e estaduais criando uma rede colaborativa de formação docente (CAPES, 2018).

Com isso, cabe destacar que o PRP promove também por meio do processo formativo discussões e reflexões acerca da formação docente ancorada na teoria e sentida na unidade com a prática. A partir disso, surge a necessidade de materializar

essas percepções sentidas e observadas no âmbito do programa que afetam diretamente a identidade docente em construção, provocando esta, para o desafio da construção do olhar de pesquisador/a.

Este olhar investigativo pode contribuir para sua própria formação e para o fortalecimento do PRP quando localiza pontos a serem discutidos no âmbito da Residência Pedagógica. Assim, o foco observado aqui é um membro de equipe que faz o PRP, mais especificamente a preceptora que é a docente vinculada a escola-campo de educação básica e tem como uma de suas funções acompanhar os residentes neste espaço (Brasil, 2018).

Dito isso, Oliveira e Magalhães (2023), considera a respeito das funções da/o preceptor/a, os documentos oficiais que regem o Programa Residência Pedagógica não explicitam de maneira clara qual o papel e as capacidades de formação deste, esclarecendo apenas que há orientações por meio da normativa para que seja destinada algumas horas do programa à formação da/o preceptor/a, não havendo nenhum direcionamento a respeito de como é realizada essa formação, deixando sobre a responsabilidade de cada Instituição de Ensino Superior (IES) a condução desse processo.

Partindo dessa observação crítica, nesse percurso surge a questão provocadora do estudo: O que pensam e o que sentem as/os discentes-residentes sobre a participação da preceptora nos seus processos (auto)formativos? Para responder a esta questão, o trabalho tem como objetivo analisar recortes de duas cartas pedagógicas escritas para as preceptoras do Programa Residência Pedagógica (PRP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI) do *Campus* Amílcar Ferreira Sobral (CAFS) localizado no município de Floriano/PI.

Para além da introdução, este estudo possui a descrição do caminho metodológico que dá vida a ele, o desenvolvimento dos resultados e discussão, e a retomada das reflexões nas considerações finais para findar momentaneamente a pesquisa e seus apontamentos.

2 METODOLOGIA

A abordagem deste estudo é qualitativa com foco nos preceitos de Brasileiro (2011), tratando-se ainda de uma pesquisa documental que para o citado autor “é

um estudo realizado quando há a necessidade de análise de documentos de primeira mão, ou seja, que ainda não foram analisados, e que possam contribuir para a realização da investigação proposta.” (p. 78).

Sendo assim, nos propomos neste estudo a compreender a carta como dispositivo formativo enquanto objeto de estudo; analisar os usos ético-crítico-reflexivos-afetivos presentes em duas cartas pedagógicas endereçadas às preceptoras do Programa Residência Pedagógica (PRP), núcleo CAFS/UFPI, a partir das reflexões de dois residentes, para pensar-sentir-refletir: qual o sentido de estudar cartas? quem escreveu as cartas? para quem escreveu? Quais jogos de linguagens estão presentes nesse ato de exercitar a escrita “entre” e “com”? Qual assunto e tempo histórico esta carta presume?

Imbuídos dessas questões, mas sem a pretensão explícita de sistematizar respostas às mesmas, queremos com elas, construir o caminho metodológico do estudo, possibilitando dar movimento ao pensamento, na medida que compreendemos que escrever carta, não é um gesto solitário, não somente porque temos remetente e destinatário, mas pela condição estética-literária que a singularidade e complexidade do gênero, como objeto de estudo faculta. Por se tratar de manifestação de uma escrita de si em comunhão, testemunho que o ato da escrita de uma carta implica pensar a constituição das nossas subjetivações e objetivações enquanto sujeitos políticos.

Queremos com isso, sublinhar afirmativamente que neste estudo a carta, seja ela fictícia ou não, carrega uma pretensão ética-política-formativa-estética. Dessa maneira, a análise descritiva deste estudo, será ancorada no saber necessário de que a verdade não está com quem escreve, recebe, ou seja, o ato de escrever-ler uma carta, analisá-la, traduz-se num gesto de aprender-ensinar a testemunhar criticamente, num gesto de aprender-ensinar a confiar. Utilizamos para dar luz às análises Freire (2001) e (2011), Paulo (2023), Oliveira e Magalhães (2023), Ortiz (2000) e Pimenta e Lima (2012).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta da construção de cartas pedagógicas surge no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP), núcleo CAFS/UFPI e parte da Docente

Orientadora Profa. Dra. Vicelma Maria de Paula Barbosa Sousa que propõem ao grupo de residentes a escrita de cartas pedagógicas para as preceptoras, assim como estas para os/as residentes, tomando como base no texto “A carta de Paulo Freire aos/as Professores/as” (Freire, 2001).

Posto isso, este trabalho se dá por meio de duas cartas pedagógicas, escritas por dois residentes e direcionadas para as preceptoras do núcleo da residência pedagógica do CAFS/UFPI, sendo uma carta para uma preceptora específica e outra direcionada para todas as preceptoras do núcleo. As cartas estão intituladas como: Carta Pedagógica I “Carta-liberdade: aprendendo com Sacramento” e Carta Pedagógica II “O sentimento de uma preceptora e suas aprendizagens”. A seguir temos os recortes das cartas em conjunto com as reflexões articuladas junto a fundamentação teórica:

3.1 Carta Pedagógica I - “Carta-liberdade: aprendendo com Sacramento”

Primeiro recorte:

Florianópolis - PI, 04 de janeiro de 2024

Maria do Sacramento, mulher, professora, esposa, mãe, filha... você é muitas em uma! As sensações iniciais que tivemos no primeiro contato com você, professora, foram de acolhimento. Você nos recebeu, acolheu, contou um pouco sobre sua trajetória escolar, nos deixou à vontade para falarmos sobre nossos anseios, expectativas, angústias, medos e inseguranças. Nos orientou com ética, zelo, respeito, responsabilidade e comprometimento. Nos mostrou a realidade de uma escola pública da geografia periférica da cidade e o quanto luta para que aquelas crianças possam desfrutar de uma educação de qualidade, mesmo com a gestão de poucos recursos.

(Carta assinada pela Residente Pedagógica Camila Gabrielly Silva do Nascimento, 2024)

Refletindo sobre o primeiro recorte da carta, pensar em adentrar um ambiente desconhecido pode ser assustador, principalmente quando não se conhece as pessoas que estão nesse espaço. Muitos questionamentos perpassam nossas mentes, tais como: Será que eu deveria estar aqui? E se as pessoas não gostarem do meu trabalho? E se as crianças não gostarem de mim? Será que irei fazer a diferença nesta escola? E se não der conta de fazer o meu trabalho? Esses medos e inseguranças, independentemente de ser docente ou discente, nos tomam, uma vez que a entrada em um novo ambiente educacional, quando feita de maneira não

cuidadosa, pode gerar conflitos entre toda a comunidade escolar (Ortiz, 2000), interferindo mais que o natural no clima organizacional da escola.

Para mediar esses conflitos intrapessoal iniciais, o diálogo e o planejamento são aspectos fundamentais nesse processo. Encontrar-se com pessoas sensíveis e afetuosas que te recebem de maneira acolhedora, que compreendem os seus medos e inseguranças tornam o percurso um pouco mais tranquilo. A forma como nós, residentes, fomos acolhidas/os pela docente-preceptora nesse espaço nos leva a refletir sobre que profissional queremos ser e estamos nos tornando.

Com isso, o acolhimento sendo uma parte fundamental no processo de adaptação, tanto de docentes quanto de crianças, promove o desenvolvimento de vínculos afetivos e de confiança contribuindo dessa forma para uma convivência respeitosa evitando situações de discriminação e preconceito, bem como favorecimento do trabalho com comprometimento, ética e respeito com àquelas/es a qual convivemos no ambiente educacional. Tudo isso diz do quanto as significâncias do ato de aprender-ensinar estão implicadas com a disponibilidade para ser-estar-fazer-sentir.

Segundo recorte:

Com você aprendemos a importância de termos momentos para descontrair. Por muitas vezes, na hora do intervalo, você conversava com a gente (as/os residentes e as outras professoras) sobre suas histórias e aventuras, e isso tirava dos nossos corpos-angustiados um pouco da tensão de estar em sala de aula, mostrando-nos que aquele espaço também pode ser um lugar de compartilhamento de vivências e experiências do nosso cotidiano fora da escola. A descontração em um espaço que dizem precisar ser rígido, sério e controlador caminhava à nossa volta, em retorno das nossas casas. (Carta assinada pela Residente Pedagógica Camila Gabrielly Silva do Nascimento, 2024)

Ao fazer o link com o recorte anterior, ao passo que a recepção de forma respeitosa traz benefícios para nossa formação docente, nos leva a refletir o que é ser professora/or? O que se espera de uma/um professora/or ao ocupar o espaço escolar? Que elas/es sejam máquinas de trabalho constante? Ser docente é um dos trabalhos mais importantes existentes na sociedade, assim como, um dos mais exigentes e cansativos, além de outros fatores que envolvem a precarização do trabalho docente, como: baixos salários, infraestrutura inadequada, carga horária excessiva que levam ao esgotamento profissional. Quanto vale a produção da existência docente, num país que a desvaloriza? O que pode o PRP no enfrentamento à (des)valorização docente?

Um momento de descontração é importante para ajudar a lidar com a rotina cansativa do dia a dia. Aqueles instantes em que as/os professoras/es tiram na hora do intervalo é válido para que possam respirar e conversarem entre si, compartilhando e trocando experiências vivenciadas, conselhos e estratégias metodológicas para desenvolvermos em sala de aula. Ao presenciarmos e participarmos desses diálogos com a preceptora e as professoras, nossos olhos abrem-se para compreensão de que a escola pode ser um espaço, também, de relaxamento docente. De alegria, de promoção de amor e solidariedade, como saberes necessários à fundamentação do ato de aprender-ensinar, na perspectiva mais complexa de Paulo Freire. De afetos (bio)políticos que explicitam a condição das existências em suas múltiplas diferenças e diversidades.

Freire (2011, p. 28) acredita que o diálogo “[...] é decisão e compromisso de colaborar na construção do mundo comum. Não há consciências vazias; por isto que os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo”. Em todos esses momentos/conversas dialógicas, as palavras nos comunicam aprendizagens para nosso ser docente, ao passo que ao compartilharem suas vivências, as/os professoras/es estão contribuindo para nosso processo de formação de maneira humanizadora.

Segue abaixo a segunda carta a ser analisada.

3.2 Carta Pedagógica II - “O sentimento de uma preceptora e suas aprendizagens”

Primeiro recorte:

Marcos Parente – PI, 06 de janeiro de 2024

Queridas, Preceptoras!

Escrevo-lhes, primeiramente, com o intuito de saudá-las, em seguida, de demonstrar todo o meu carinho e afeto pelas mestras que são, por serem professoras éticas e humanas, e por estarem sendo guias formativas nesse percurso, nos nossos trajetos formativos. Quero aqui, agradecer-lhes pelos ensinamentos, pelas provocações epistêmicas, e por traduzir o chão da escola e da sala de aula a partir das suas experiências, nos dando a possibilidade de relê-los através das nossas próprias experiências e aprendizagens.

(Carta Assinada pelo Residente Pedagógico Marlon Araújo Carreiro, 2024)

De início, cabe destacar aqui a carta pedagógica como uma ferramenta potente que contribui para a fomentação de diálogo crítico e instigador, como

terminante na construção conjunta do conhecimento, perpassando por momentos de discernimento crítico, de trocas e de resolutividades (Paulo, 2023). Assim, a partir da reflexão crítica sobre o recorte destacado, pode-se perceber o olhar do residente para com as preceptoras como guias formativas, que contribui no percurso formativo do mesmo como a figura que ensina, que faz provocações e que traduz o chão da escola e da sala de aula através das suas experiências, o que proporciona a oportunidade de relacionar tais experiências com as suas próprias, ou seja, as suas experiências particulares enquanto residente. Tendo em vista isso, faz-se necessário romper com o olhar que minimiza o papel do/a preceptor/a apenas à um/a co-formador/a que auxilia o/a docente orientador/a. Para além disso, o/a preceptor/a se caracteriza também como um/a formador/a, considerando a sua imersão e vivência na escola-campo, produzindo saberes práticos relevantes para a formação dos/as residentes. (Oliveira e Magalhães, 2023).

Segundo recorte:

Além do mais, na dinâmica do ensinante que constrói aprendizagem no processo de ensino, não só nas trocas com o aprendiz, mas nas aberturas para repensar seus próprios conhecimentos e gerar novos conhecimentos, observo nas suas orientações, caras preceptoras, a oportunidade de se apropriar e realizar a leitura do chão da escola que surge através dos seus relatos enquanto profissionais atuantes que vivem esse espaço e tem muito a nos contar sobre, partindo das suas vivências.

Com isso, quero dizer também que muito não se sabe sobre o sentimento de uma preceptora, ou pelo menos não se escreveu ou se discutiu o suficiente sobre, de forma que chegasse até mim. O que pensa e o que sente uma preceptora sobre sua participação no processo formativo de futuros/as docentes? Por meio desses escritos, quero não só agradecer-lhes pela sua participação nesse momento formativo, mas instigá-las a pensar e partilhar sobre o sentimento de estar responsável por essa tarefa, levando em consideração também as implicações epistêmicas que brotam dela.

(Carta Assinada pelo Residente Pedagógico Marlon Araújo Carreiro, 2024)

Nesse recorte, podemos perceber a necessidade de escutar o/a preceptor/a pensando no que este/a tem a nos dizer sobre sua vivência ocupando essa posição que é também de professor/a formador/a. Além disso, quais as aprendizagens gestadas por essa profissional no processo do ensinante que constrói saberes no percurso de ensino? (Freire, 2001). São alguns dos pontos que emergiram na análise do diálogo realizado com a carta. No que diz respeito ao questionamento sobre “o que pensa e o que sente uma preceptora sobre sua participação no processo formativo de futuros/as docentes?” Tal provocação convoca-nos, discentes-residentes, professores/as preceptores/as ou não a exercerem sua função de

produtores de conhecimento por serem “um membro de uma comunidade científica, que produz conhecimento sobre sua área e sobre a sociedade” (Pimenta e Lima, 2012, p. 88), chamando-os a se deter e investigar mais profundamente os saberes e sentimentos que habitam o corpo-mente de um/a professor/a preceptor/a, pensando nos desdobramentos que isto pode trazer para a formação docente inicial e continuada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos recortes das cartas aponta para a preceptora como uma profissional que de fato contribui no processo formativo dos residentes, por mediar todo o processo de imersão e regência no PRP, nos conduzindo sobre a busca da unidade teoria-prática, bem como, nos provocando a exercitar o olhar investigativo sobre os saberes gestados por meio do seu papel, além de oportunizar a intensificação do debate sobre a condição formadora da preceptora no âmbito da Residência Pedagógica. A discussão realizada a partir do estudo também nos convoca a escuta das nossas preceptoras, com o intuito de saber quais os seus sentires e dizeres acerca da sua contribuição no processo formativo de futuros docentes, mas também as suas contribuições para a formação docente continuada. Outrossim, a pesquisa apresenta a carta como uma ferramenta possível para fomentar saberes, reflexões e meditações acerca de determinados temas.

Diante disso, o estudo ainda aponta para a necessidade de se formar profissionais éticos e humanos que estejam comprometidos com o ato de educar e de acolher os demais profissionais dentro do âmbito escolar, considerando as trocas formativas e aprendizagens baseadas no cuidado e no afeto, além de reforçar o olhar sobre a profissão docente e seus (dis)sabores, nos convocando a discutir a carreira docente, enquanto um evento enredado num ato ético-político-estético-formativo, como foco nas condições humanas de trabalho.

5 AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de

Financiamento 001, da Universidade Federal do Piauí, *Campus Amílcar Ferreira Sobral* (UFPI/CAFS) e da Secretaria Municipal de Educação de Floriano-PI (SEMED).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Portaria GAB n. 38, de 28 de fevereiro de 2018. Institui o Programa de Residência Pedagógica. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, p. 28, 01 mar. 2018.

BRASILEIRO, Ada Magaly Matias. **Como produzir textos acadêmicos e científicos**. São Paulo: Contexto, 2021.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. **Edital Capes n. 6**, 01 de março de 2018. Chamada Pública para apresentação de propostas no âmbito do Programa de Residência Pedagógica. 2018. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *In: Estudos Avançados*. 15 (42), 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2011.

LEMINSKI, Paulo. **Caprichos e relaxos**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Dedilene Alves de Jesus; MAGALHÃES, Tânia Guedes. Os ditos e não-ditos sobre o papel do preceptor do Programa Residência Pedagógica. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 16, n. 00, p. e023015, 2023. DOI: 10.26843/ae.v16i00.1194. Disponível em: <https://publicacoes.unicid.edu.br/ambienteeducacao/article/view/1194>. Acesso em: 3 mar. 2024.

ORTIZ, Cisele. **Adaptação e Acolhimento**: um cuidado inerente ao projeto educativo da instituição e um indicador de qualidade do serviço prestado pela instituição. 2000. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12903717/adaptacao-e-acolhimento-um-cuidado-inerente-ao-projeto> . Acesso em: 19 fev. 2024.

PAULO, Fernanda dos Santos. Cartas pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisas participativas. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, SP, v. 9, n. 00, p. e023019, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v9i00.8670030. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8670030>. Acesso em: 3 mar. 2024.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2012.